

# MARÉ DE NOTÍCIAS



## O Rio sob Intervenção Federal

O interventor, general do Exército Walter Souza Braga Neto, diz que o Rio de Janeiro é um laboratório para o Brasil. Mas que tipo de experiência querem fazer? As lembranças de ações como a Ocupação da Maré de 2014 a 2015 ainda estão vivas.

**PÁGINA 14**

### A Maré ganha nova escola de Ensino Médio

PÁGINA 3

### Lembranças de um pioneiro da Maré

PÁGINA 4

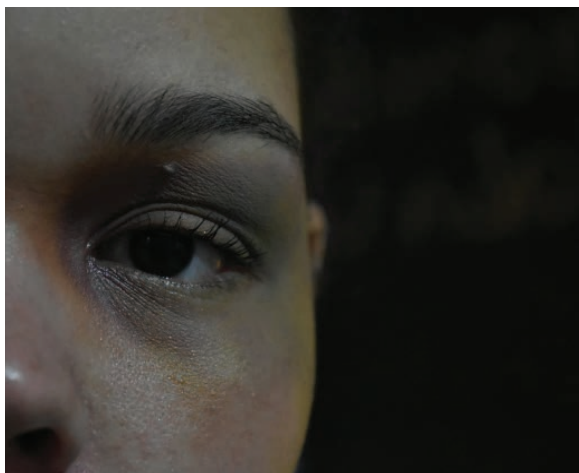
### Dicas de saúde para a mulher

PÁGINA 11

### Fique por dentro da sua Associação de Moradores

PÁGINA 16

DOUGLAS LOPES



### A violência contra a mulher

As agressões não precisam ser físicas; ameaças, constrangimento, humilhação, vigilância, perseguição, chantagem ou qualquer tipo de atitude que cause dano emocional, diminuição de autoestima, ou que queiram controlar suas ações.

**PÁGINAS 8 E 9**

### O poder da poesia

A Maré literária e feminina marca presença nas páginas do livro "Seis temas à procura de um poema" com escritos de duas moradoras: Andreza Jorge e Sara Alves. A publicação foi o resultado do processo de formação da FLUP Pensa 2017, que realizou seminário sobre temas como machismo, privilégios e racismo.

**PÁGINA 13**



DOUGLAS LOPES



# EDITORIAL

**O**lá, leitoras e leitores! Correndo o risco de repetir o que muitos dizem, “março é o mês da mulher”. E o dia 8 tem mais de um significado: Luta, Direitos conquistados, Afirmção, Saúde, Segurança. Nesta edição celebramos a poesia feminina ou feita por mulheres, que brilharam na FLUP - Festa Literária das Periferias. Duas moradoras da Maré mostram que o rico universo feminino é capaz de juntar referências de uma infância feliz à sensualidade e à capacidade de lutar por mais espaço na sociedade. Infelizmente, muito ainda temos de caminhar e desconstruir pretensas verdades, como aquela que atribui à mulher a responsabilidade pela casa e os filhos. Fomos conversar com homens que superaram essa barreira, mas os números mostram que elas ainda trabalham mais em casa, e que muitos, inclusive mulheres, acham isso normal. As mulheres convivem também com muitas formas de violência, na maioria dos casos, praticada pelos próprios parceiros. O Brasil não está bem na foto, é um dos países onde o feminicídio é mais frequente. Uma daquelas poetisas da FLUP, militante feminista, também fala sobre a experiência de entrevistar, com outras companheiras, mulheres da Maré, muitas vítimas de violência doméstica. Intervenção Federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro. Não poderíamos fugir ao tema do momento e que para a Maré traz muita apreensão. Os primeiros movimentos mostram que teremos “mais do mesmo”: favelas sitiadas, desrespeito aos direitos fundamentais do cidadão, inclusive crianças. Essa Edição do Maré de Notícias, que é o nosso N° 86, também traz informações sobre o Boletim de Segurança Pública, com números coletados pela equipe da Redes de Desenvolvimento da Maré, que revelam os danos que os conflitos armados e as operações policiais causam à população e nos fazem pensar sobre a política de Segurança Pública. Onde vamos chegar? Mas temos notícias boas também, pois a Maré acaba de ganhar mais uma escola de Ensino Médio, que tem como proposta preparar jovens empreendedores, dirigentes, professores, funcionários e estudantes estão muito motivados. Ganhamos ainda mais uma Clínica da Família. E mais: temos dois perfis nesse número do Maré de Notícias, muito diferentes entre si. Um, do menino Jeremias, de apenas 13 anos, brutalmente assassinado num evento ainda não explicado. O silêncio das autoridades chega a ferir. O outro, felizmente, celebra a vida simples de Seu Roberto, que viu a Maré nascer, entre palafitas, aterros, caminhões de entulho, precariedade de todo tipo e muita esperança. Falando em esperança, esperamos que se sintam representados. Boa leitura!

Siga a **redes da maré**  
nas Redes Sociais

 [www.facebook.com/redesdamare](http://www.facebook.com/redesdamare)  
 [www.instagram.com/redesdamare](http://www.instagram.com/redesdamare)  
 [www.twitter.com/redesdamare](http://www.twitter.com/redesdamare)

e fique por dentro das novidades!

## HUMOR



## EXPEDIENTE

### REALIZAÇÃO:

**redes da maré**

R. Sargento Silva Nunes, 1012  
Nova Holanda - Maré  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242  
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276  
[comunicacao@redesdamare.org.br](mailto:comunicacao@redesdamare.org.br)

### PARCERIA:

**actionaid**

### UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

### DIRETORIA:

Alberto Aleixo  
Andréia Martins  
Eliana Sousa Silva  
Edson Diniz Nóbrega Júnior  
Helena Edir

### APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré  
Observatório de Favelas  
Conexão G  
Luta pela Paz  
Vida Real

**EDITOR EXECUTIVO E JORNALISTA RESPONSÁVEL**  
Jorge Melo  
(Mtb 38915/RJ)

**EDITORA ASSISTENTE**  
Daniele Moura  
(Mtb - 24422 /RJ)

**COLABORARAM NESTA EDIÇÃO**  
Hélio Euclides  
(Mtb 29919/RJ)  
Maria Morganti  
(Mtb - 39043/RJ)  
Felipe Rebouças  
(Estagiário)

**FOTÓGRAFOS**  
Elisângela Leite  
Douglas Lopes

**REVISORA:**  
Elizete Munhoz

**PROJETO GRÁFICO**  
Mórua\_Oficina de ideias

**DIAGRAMAÇÃO**  
Filipe Almeida

**IMPRESSÃO**  
Folha Dirigida

**TIRAGEM**  
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

## GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: [www.redesdamare.org.br](http://www.redesdamare.org.br)

 /redesdamare

 /redesdamare

 @redesdamare



# Nova escola de Ensino Médio na Maré

## Escola em tempo integral tem ênfase no Empreendedorismo

HÉLIO EUCLIDES

Entrou em funcionamento, na Nova Holanda, o Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, com a oferta de Ensino Médio em tempo integral, dando ênfase ao Empreendedorismo Aplicado ao Mundo do Trabalho. O Colégio é uma conquista do Coletivo Maré que Queremos, formado por todas as 16 Associações de Moradores da Maré. Para este ano letivo, foram ofertadas 80 vagas para a 1ª série do Ensino Médio e ainda há oportunidades para quem deseja estudar na Instituição.

Os alunos terão aulas sobre como superar desafios, empreender e abrir negócios, e carga horária adicional em Português, Matemática e Inglês. A iniciativa tem a parceria do Sebrae, que formará os professores da Rede Estadual em Empreendedorismo, e do Instituto Ayrton Senna. “Além das disciplinas normais, os alunos farão parte do Núcleo Articulador, que reúne Projeto de Vida, Projeto de Intervenção e Pesquisa, Estudos Orientados e Empreendedorismo”, informa a coordenadora pedagógica **Marinalva Velasco**.

Por ser o primeiro ano de funcionamento, a Escola passa por alguns ajustes para atender os alunos. “Esse ano a meta é criar duas turmas completas. Os profissionais que atuam aqui são remanescentes do movimento popular, moradores e ex-moradores. Isso enfatiza o compromisso com o direito social à Educação Pública de qualidade para todos”, afirma o diretor **Marcelo Belfort**.

### Uma escola diferente

Os novos alunos se surpreenderam com a meta da nova Escola que, além da questão acadêmica, impulsiona o desejo de crescimento do cidadão. “Os professores nos incentivam a estudar e a desejarmos uma Maré melhor. Nos transformamos em multiplicadores, para levar o que aprendemos aos outros. Nessa Escola entendemos que há violência onde moramos, mas que é necessário um outro olhar, de um lugar de coisas positivas. Essa é a primeira Escola que nos dá força para agir”, afirma a estudante **Maria Carolina Nascimento**, de 15 anos de idade.



Os alunos, Pablo Felipe, Maria Carolina e Deborah estão animados com a meta da nova Escola, que visa o crescimento do cidadão

**Pablo Felipe**, também com 15 anos, não conseguiu vaga em nenhuma escola que queria, e também não desejava estudar à noite, por receio da violência na cidade. Uma amiga de sua mãe recomendou o Colégio da Maré: “no começo, achei muito estudar das 7h às 16h, mas me acostumei. Gostei daqui, pois os professores nos ajudam a pensar, a ser pessoas pensantes”.

“Desejamos quebrar o paradigma de que lá fora é melhor, de que aqui é só um novo Colégio. Para isso, temos bons profissionais, o corpo docente formado por 10 professores, que visam refletir o amanhã, que mostram a importância de se apropriar do território, de transformá-lo”, lembra a diretora-adjunta **Viviane Couto**. Ela explica que o objetivo do Colégio é desenvolver um projeto de gestão coletiva, com alunos, professores, responsáveis, instituições, associação de moradores e equipe gestora.

### Três anos de Escola fechada

O Maré de Notícias, na Edição 54, de junho de 2014, noticiava a construção de um colégio estadual. As obras começaram no mesmo ano, mas foram três

anos de espera. “A Associação cuidou para não depredarem a Escola, ou virar um condomínio. Para o funcionamento, pedimos ajuda à Redes da Maré e, dessa forma, conseguimos inaugurar”, lembra o presidente da Associação de Moradores de Nova Holanda, **Gilmar Rodrigues**.

O diretor da Redes da Maré, **Edson Diniz**, acrescenta que no passado os moradores reivindicavam uma escola de Ensino Médio Integral, desejavam uma opção de boa educação, uma possibilidade para os jovens estudarem próximo de casa: “a parceria da Redes da Maré, Associação de Moradores e Secretaria Estadual de Educação nasceu da necessidade de colocar a Escola para funcionar. Estamos estruturando essa parceria para fortalecer essa Escola, já que muita gente nem a conhece ainda”.

### Minha escola tem um nome

João Borges de Moraes nasceu em Alvinópolis (MG), em 1911. Lecionou em instituições educacionais do Rio de Janeiro e foi diretor do Colégio Lemos Cunha. Em 1989, recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadão Carioca.



# O início da Maré

Dificuldades, muito trabalho e solidariedade

**JONATAS MAGNO**

Ex-aluno do curso Pré-Vestibular da Redes de Desenvolvimento da Maré

Nada surge de um dia para o outro, todo lugar tem sua história e cá estou eu para falar da história da Maré. Não vivi naquela época, mas tive ajuda especial no processo de compreensão do que era a Maré desde a sua origem, de Berto Raimundo da Silva, que alguns chamam de “Seu Roberto”, mas eu o chamo de “vô”.

Em seu início, a Maré não tinha nada além de algumas palafitas, água e lama. Para ter sua casa, cada morador aterrou sua rua e foi construindo seus barracos de modo coletivo. Os moradores se uniam para comprar caminhões de entulho para aterrar e poder construir seus barracos, mesmo em meio a tanta dificuldade. Compartilhando adversidades e apertos, a empatia unida à necessidade falava mais alto e, assim, pouco a pouco, a Maré foi sendo

construída.

Além do mais, o meu avô disse que no processo de aterramento e construção deste bairro muitas dificuldades foram encontradas. Os caminhões com entulho paravam próximo à Avenida Brasil, já que não tinham condições de entrar aqui. Por isso, os materiais eram trazidos em carrinhos de mão sobre pontes de madeira. Esse processo era intercalado entre o grupo de moradores que havia pago pelo caminhão. Outra observação feita por ele foi que não tinha água encanada, era necessário ir até a Avenida Brasil com balanças de água, entre outras coisas que eram possíveis para o transporte. Essa era só mais uma das dificuldades enfrentadas. Banheiro? Não tinha também. O banheiro improvisado era um buraco nas estacas de madeira, que serviam como



JOÃO ROBERTO RIPPER

Antes de contruir as casas, foi preciso muito aterro, muito trabalho e esperança

suporte para as pessoas se locomoverem e não cair no manguezal.

## Uma infância diferente

Naquela época, a Light não tinha entrado na Maré, logo a responsabilidade pela luz era de uma comissão. Você pagava um valor mensal para ter direito a ela, assim como é hoje em dia, porém ela era muito fraca e a todo momento caía - o que dificultava ainda mais as coisas. A natureza também “contribuía” no quesito dificuldades, já que na Maré tinha muito mosquito, então só conseguia dormir em paz quem tinha mosquiteiros, o que não era muito fácil de arranjar.

Nesse processo todo de aterramento, as crianças viviam em dificuldade, não tinha local para estudarem e nem para se divertirem; a única saída era quando se juntavam e brincavam de se esconder das pessoas mergulhando no manguezal. Aliás, por não terem um local apropriado para diversão ou estudo, elas eram obrigadas a ajudarem nesse processo de aterramento e construção dos barracos, por isso não tinham uma infância adequada.

A violência, tão presente no dia a dia atual, que faz a

Maré figurar nos principais veículos de comunicação, praticamente não existia. A separação das comunidades entre Baixa do Sapateiro, Parque União, Nova Holanda, Conjunto Novo Pincheiro (Salsa e Merengue), entre outras já existia, porém não havia guerra entre os territórios, porque apenas uma facção criminosa tomava conta desse território que futuramente seria chamado de Maré. Por esse motivo não existiam conflitos constantes. A relação entre os policiais e moradores era bem diferente do que é hoje. Existia um Posto Policial na comunidade, os agentes conversavam e brincavam com todo mundo. A única preocupação era de não deixar as portas abertas.

Apesar de bem próximas, cada comunidade tem suas particularidades, seja na cultura, na música ou até na arquitetura, que são explicadas pelos diferentes períodos de constituição de cada uma delas. A Maré é bem mais que os jornais retratam, ela tem uma história, tem vida, tem arte, tem educação, tem gente que merece ser respeitada e, não, abandonada, como ocorre na maioria das favelas do Rio de Janeiro.



JOÃO ROBERTO RIPPER

A falta de água encanada foi um dos principais obstáculos no início da Maré



# “Quem pintou o mundo?”

Mais uma vítima da violência na cidade. Jeremias tinha apenas 13 anos

**MARIA MORGANTI**

Jeremias Moraes, de 13 anos, estava jogando bola, no campo da Nova Holanda, na Maré, quando um Caveirão da Polícia Militar apareceu na esquina atirando. Para proteger-se, Jeremias correu para a casa de um coleguinha, que mora ali perto. A mãe do amigo ouviu quando Jeremias tocou a maçaneta. Ao abrir o portão, o choque: viu o corpo da criança no chão. Jeremias havia sido atingido nas costas por um tiro.

Naquele dia, 6 de fevereiro, terça-feira, favelas do Conjunto da Maré, como Vila do João e Vila do Pinheiro, Morro do Timbau, Conjunto Esperança, Marcilio Dias e Nova Holanda, amanheceram com a presença do BOPE, do Batalhão de Choque e do Batalhão Especial com Cães. Mas não acabou por aí. Uma outra incursão da Polícia Militar aconteceu. Tratava-se de uma denúncia sobre integrantes da corporação que teriam sido sequestrados por grupos civis armados. A “operação surpresa” não encontrou nenhum sequestro. Mas Jeremias estava ali, atingido.

Desesperada, pedindo socorro, a mãe do amiguinho de Jeremias gritou que era uma criança e só fechou o portão quando o blindado parou e recolheu o corpo. Jeremias foi levado para o 22º Batalhão, na Linha Vermelha, e colocado na ambulância do Corpo de Bombeiros para ser levado ao Hospital Municipal Souza Aguiar, no Centro.

Quando chegou lá, já estava morto. E, infelizmente, ele não é o único. Segundo dados do Boletim Direito à Segurança Pública na Maré, 42 pessoas foram assassinadas em decorrência de conflitos armados e 57 feridas por bala de fogo, no ano passado. Neste 2018, Jeremias foi a segunda vida perdida.

Um dos cinco filhos da auxiliar de serviços gerais, Vânia Moraes, 39, Jeremias cursava o Ensino Fundamental no CIEP Helio Smidt, no



Este é um dos vários desenhos feitos pelos coleguinhos do Jeremias que conviviam com ele na Biblioteca Lima Barreto

Parque Rubens Vaz, na Maré. Participou de inúmeros projetos da Redes de Desenvolvimento da Maré: “Programa Criança Petrobras”, “Nenhum a Menos”, “Mão na Lata”, além de ser frequentador da Biblioteca Lima Barreto.

Curioso, amante das Artes Plásticas e da Literatura, Jeremias era considerado bom de bola: “a alegria dele era o futebol, era craque, tinha habilidade” – contou **Getúlio Cardoso**, diácono da Igreja Evangélica que ele frequentava com a família e que arcou com os custos do funeral.

Na Igreja, segundo Getúlio, ele dizia que queria ser um missionário na África, para evangelizar as pessoas. Na Nova Holanda todos concordam que ele era um menino calmo, doce e estudioso. Além da escola, já tinha feito capoeira, aula de música e oficina de fotografia. Entre os que conviveram com ele nessas ati-

vidades, educadores e crianças, a tristeza era generalizada. Mesmo com sol, a favela parecia cinza.

**Luciene de Andrade**, coordenadora da Biblioteca Lima Barreto, propôs que as crianças, abaladas, fizessem desenhos em homenagem ao amigo: “Jeremias, que você continue brincando aonde você estiver” e “Você é o maior pintor do mundo”. O primeiro desenho, com um campo de futebol, que era a grande paixão de Jeremias; e o segundo, em alusão a uma música evangélica que ele gostava de cantar: “Quem pintou o mundo? Quem escolheu a cor? Fez o sol amarelo, pôs o verde na floresta. E o vermelho em uma flor”.

O caso está sendo investigado pela Divisão de Homicídios. A perícia no local foi realizada no dia seguinte à morte de Jeremias, resultado de uma articulação da Associação de Moradores da Nova Holanda com a Redes de Desenvolvimento da Maré, que acompanhou a equipe ao longo do procedimento. A família e as testemunhas também já foram intimadas a depor.

“A alegria dele era o futebol, era craque, tinha habilidade”



# Quem casa quer casa. Mas quem cuida?

53% dos homens acreditam que a mulher é a principal responsável por manter o casamento

**JORGE MELO**

As pesquisas são variadas, mas a conclusão é uma só: as mulheres conquistaram o direito de trabalhar fora, de construir uma carreira, chegar a postos de direção, ganhar dinheiro, mas isso não significa contar com o apoio efetivo dos companheiros nas tarefas domésticas, com raras exceções. As mulheres brasileiras trabalham, em média, mais de 7 horas por semana a mais que os homens, devido à dupla jornada, que inclui tarefas domésticas e trabalho remunerado. Apesar de a taxa de escolaridade das mulheres ser mais alta, a jornada de trabalho também é.

Esses dados constam no *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*, do Ipea, divulgado em junho de 2017. O estudo tem como base a PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE, feita com base em séries históricas de 1995 a 2015.

## A opinião dos homens

**Fábio Monteiro** tem 36 anos e não acha que exista tanta diferença assim. Ele é solteiro, motoboy, formado em História, mora na Vila do Pinheiro, na Maré, e entende que existem situações diferentes: “se as mulheres trabalham mais em casa, os homens trabalham mais na rua; o que determina a divisão das tarefas é a necessidade”. No caso de motoqueiros como ele, “a grande maioria, para completar a renda, enfrenta dois turnos de trabalho,

um durante o dia e outro à noite e não pode dividir as tarefas da casa com a mulher, mal têm tempo de dormir”. Fábio diz também que as tarefas de manutenção da casa são sempre desempenhadas pelos homens, como consertar o encanamento, a rede elétrica, retocar a alvenaria: “outro dia fui convidado para *bater uma laje* e não tinha mulheres pegando no concreto; infelizmente esse tipo de trabalho não é visto como trabalho doméstico”.

Segundo a terapeuta familiar, **Malu Palma**, com mais de 20 anos de experiência atendendo casais, a questão da divisão das tarefas domésticas, algumas vezes injusta com as

mulheres, pode afetar a relação. “Brigas sobre este tema são bastante comuns e só costumam deixar de ser quando se aprofunda a escuta e melhora a comunicação entre o casal”.

## O exemplo vem de casa

**Bruno Silva**, motorista, de 35 anos, é uma exceção. Morador da favela Nova Holanda, na Maré, é casado com **Renata**, de 34, e tem dois filhos adolescentes. “Começamos cedo”, diz ele sorrindo, ao lado de Renan, de 18 anos, e Breno, de 14 anos. Bruno lava, passa, limpa a casa e ganha elogios da mulher, “ele cozinha melhor que eu”. Ele conta que a mãe tinha uma deficiência num dos braços

e ele sempre ajudou. Com o tempo, foi tomando gosto pela cozinha e nunca viu problema em realizar tarefas “consideradas femininas”. E garante que cria os filhos nesse mesmo padrão, “eles resistem um pouco, são adolescentes, mas fazem de tudo; aqui cada um tem a sua tarefa”. Renata confirma: “não me sinto sobrecarregada, muito pelo contrário”. Renata é dona de um salão de cabelereiro, também na Nova Holanda, e passa muitas horas no trabalho. Ela afirma que nunca teve esse problema: “desde que ficamos juntos, dividimos todo o trabalho da casa, nunca discutimos por isso. O que acontece é que tem dias em que eu não



Ratão é outro exemplo de homem que divide as tarefas com a mulher. Fotógrafo, tem 34 anos e é casado com Aline Souza, de 27



quero cozinhar ou ele não quer limpar a casa e aí trocamos, sempre dá certo”.

**Marcos Diniz da Silva**, conhecido na favela Nova Holanda como *Ratão*, é outro exemplo de homem que divide as tarefas com a mulher. Fotógrafo, tem 34 anos e é casado com **Aline Souza**, de 27, que também é fotógrafa. Os dois têm uma filha, Maya, de um ano e meio. Marcos começou a ajudar a mãe nas tarefas domésticas a partir dos sete anos de idade. “Ela trabalhava, eu tinha de ajudar. O mesmo aconteceu com os meus três irmãos, as tarefas eram divididas”. Na casa de Marcos e Aline, ele é o cozinheiro e responsável pela organização. “Ele é todo certinho, arrumado, não gosta de bagunça e coisas fora do lugar”, diz Aline. Marcos faz questão de dizer que “não faço nada demais, é o justo, eu não ajudo, dividido as tarefas, é assim que tem de ser”. Aline diz que tem sorte, e que a irmã dela, Amanda, que mora em Sergipe, não conta com o mesmo apoio, “ela trabalha fora e faz tudo dentro de casa, o marido não ajuda, mas ela acha isso normal. É uma cultura que existe, principalmente no Nordeste, como se o trabalho da casa fosse responsabilidade única da mulher”.

#### Mulher também cansa

“A expectativa moderna é que haja igualdade em tudo dentro do casamento. Todos precisamos dar conta de nossas vidas profissionais, pessoais e familiares. As rotinas individuais são duras e os serviços domésticos não têm prestígio. A falta de interesse por eles não é só masculina”, afirma a terapeuta Malu Palma. O maior envolvimento com a

casa e com as tarefas domésticas acaba por afetar o desempenho das mulheres nas atividades profissionais e a imagem delas - o que se reflete na remuneração. Mesmo na Europa, onde a desigualdade salarial é menor, as mulheres ganham, em média, na mesma função, 16% menos que os homens.

No Brasil, as mulheres que têm níveis de escolaridade mais altos fazem mais tarefas domésticas desde pequenas e estão chefiando cada vez mais as famílias. Mesmo assim, elas continuam sendo desvalorizadas no ambiente de trabalho e ganhando menos que eles. É o que mostram os dados do IBGE. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD, de 2015, o rendimento médio dos brasileiros era de R\$ 1.808, mas a média masculina era mais alta (R\$ 2.012) e a feminina, mais baixa (R\$ 1.522).

#### A história é antiga, mas pode mudar

A distinção entre meninos e meninas em relação às tarefas domésticas tem origem na família e começa cedo. Segundo a mesma pesquisa do IBGE, de cada 10 meninas de 10 a 14 anos, 7 cuidam de tarefas domésticas. Já entre os meninos, são apenas 4. Ou seja, de sete crianças, vai sendo incutido na cabeça de meninos e meninas que cuidar da casa é atribuição das mulheres. **Valmir Alves do Nascimento** é barbeiro,



Bruno lava, passa, limpa a casa e ganha elogios da mulher, Renata: “ele cozinha melhor que eu”

tem 44 anos e há 18 anos é casado com a assistente social Cleonice. O casal tem dois filhos de 17 e 3 anos. Valmir divide todas as tarefas com a mulher, só não lava roupa, “mas nós temos uma máquina de lavar”, se apressa em dizer. O filho mais velho também executa tarefas na casa como lavar a louça e cozinhar. “Tenho visto mudanças importantes na forma de encarar estas tarefas, mas ainda há um grande número de pessoas, homens e mulheres, que consideram que as tarefas que geram dinheiro possuem maior valor, e devem gerar mais regalias a quem as exerce do que qualquer outras”, afirma ainda a terapeuta Malu Palma.

Valmir lembra que na casa dos pais não fazia nada. As tarefas domésticas eram divididas entre a mãe e a única irmã. Ele e os outros dois irmãos estavam liberados do trabalho doméstico. Com o casa-

mento, não houve escolha, a mulher trabalha muito e ele tem um horário de trabalho flexível, “o trabalho doméstico é uma coisa que não tem fim, não acaba nunca, não é justo que uma pessoa só seja a responsável por ele, além de tudo se tiver outras atividades como a minha mulher tem”.

Apesar das mudanças socioeconômicas, na visão dos homens as tarefas domésticas ainda são femininas. O Instituto Promundo reuniu resultados de pesquisas que buscaram mensurar a percepção dos homens sobre os trabalhos domésticos. Entre esses resultados, 54% dos homens concordam totalmente com a afirmação de que o papel mais importante da mulher é cuidar da casa e cozinhar para a sua família. 89% consideram “inaceitável” que a mulher não mantenha a casa em ordem. E 53% acreditam que a mulher é a principal responsável por manter um bom casamento. Portanto, há muito o que aprender com Valmir, Marcos e Bruno. Quem sabe, em pouco tempo, eles não serão mais uma exceção.

De cada 10 meninas de 10 a 14 anos, 7 cuidam de tarefas domésticas. Já entre os meninos, são apenas 4

# O 8 de Março ainda é um Dia de Luta

Num País extremamente desigual, as mulheres ainda sofrem com a violência

ANA PAULA LISBOA

DOUGLAS LOPES



Segundo a Organização Mundial da Saúde, 35% das mulheres do mundo já sofreram violência física ou sexual, praticada por um parceiro íntimo

Criamos o calendário não só para agrupar e dividir os dias, os meses e os anos, mas também para ter marcos civis e religiosos das culturas. Assim, a gente pode comemorar ou chorar: aniversários, festas, mortes. Somos seres que precisam ser lembrados para a celebração e também continuar na luta.

O 8 de março, por exemplo, Dia Internacional da Mulher, é uma data que surgiu em homenagem a mulheres trabalhadoras operárias do Século XIX. Cada vez mais, a data tem deixado de ser um dia para receber rosas dos homens, mas para conquistar mais respeito na luta por direitos. Em nosso contexto, o

direito mais importante é o direito à vida e à segurança. O Brasil ocupa o 5º lugar no *ranking* mundial de violência contra a mulher.

Em 25 de novembro celebra-se (e marcha-se) o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 35% das mulheres do mundo já sofreram violência física ou sexual, praticada por um parceiro íntimo. No Brasil, o número sobe para 70%.

Em 7 de agosto de 2006 entrou em vigor a Lei Maria da Penha. O nome é uma homenagem à mulher que, durante 23 anos, sofreu violência doméstica prati-

cada pelo marido, que tentou assassiná-la duas vezes e a deixou paraplégica.

## A Lei Maria da Penha

O caso de violência e falta de justiça de Maria da Penha foi tão assustador que o Governo brasileiro se viu obrigado a criar um novo dispositivo legal que trouxesse maior eficácia na prevenção e punição da violência doméstica e familiar. Isso aconteceu depois que a Comissão Interamericana de Direitos Humanos recomendou a finalização do processo penal do ex-marido de Maria da Penha, a realização de investigações sobre as irregularidades e os atrasos no processo e a reparação simbólica e material à vítima.

A Lei descreve como violência doméstica qualquer tipo de ação ou omissão que cause dano físico,

psicológico, moral, patrimonial ou sexual à mulher dentro do ambiente doméstico, familiar ou em uma relação íntima de afeto.

A Lei fez mudanças na Constituição e penaliza agressões feitas por qualquer pessoa que more com a agredida, da família ou tenha uma relação próxima. Não precisa ser o marido, a Lei enquadra outra mulher (se for uma relação homoafetiva) pai, mãe, filha, filho, irmãos, namorado, amigo, colega.

As agressões não precisam ser físicas, considerando também ameaças, constrangimento, humilhação, vigilância, perseguição, chantagem ou qualquer outro tipo de atitude que cause dano emocional e diminuição de autoestima ou que queiram controlar suas ações. Além disso, qualquer conduta que obri-

**O BRASIL OCUPA O 5º LUGAR NO RANKING MUNDIAL DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**



**O caso de violência e falta de justiça de Maria da Penha foi tão assustador que o Governo brasileiro se viu obrigado a criar um novo dispositivo legal que trouxesse maior eficácia na prevenção e punição da violência doméstica e familiar.**

que a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual sem sua vontade, que a impeça de usar método contraceptivo, que force gravidez, aborto ou prostituição. E vai ainda mais longe, criminalizando a retenção ou destruição de qualquer bem ou dinheiro da mulher. Calúnia, difamação ou injúria. Apesar dos índices ainda altos de violência, um legado desses abusos foi, quase 12 anos depois, o aumento das denúncias.

#### **As Delegacias da Mulher abriram novos horizontes**

Desde 6 de agosto de 1985, data da abertura da primeira Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM), em São Paulo, as mulheres têm uma instância de Segurança Pública especializada na investigação de crimes de violência doméstica e sexual. A inauguração foi, não por acaso, cinco anos após as primeiras pesquisas que trataram desse tipo de violência.

A partir da Lei Maria da Penha, o papel das DEAMs foi ampliado e elas passam a agir não só na punição, mas também em ações de prevenção e proteção às vítimas. Deixou de valer o ditado que *em briga de*

*marido e mulher nem a polícia deveria meter a colher.*

Na teoria, tanto a Lei quanto as DEAMs são o mundo ideal, mas em todo o Estado do Rio de Janeiro são somente 15 delegacias.

Isso explica os dados do Atlas da Violência, divulgado em 5 de agosto de 2017: entre os anos de 2005 e 2015 houve um aumento de 7,5% na taxa de homicídio de mulheres no Brasil.

Em 9 de março de 2015, entra em vigor a Lei que coloca o assassinato de mulheres como crime hediondo: a Lei do Femicídio. O Femicídio é caracterizado quando a mulher é assassinada unicamente pelo fato de ser mulher. Nessa análise entram crimes cometidos com requintes de crueldade, como mutilação dos seios ou outras partes do corpo, que caracterizam o gênero feminino. Assassinatos cometidos pelos parceiros ou familiares, dentro de casa. Também casos em que o assassino mata por entender que a mulher está ocupando um lugar exclusivo do homem, geralmente na profissão.

Mais assustador ainda é quando se lança a lupa racial nos dados: enquanto a taxa de violência sofrida por mulheres não negras caiu 7,4%, o número para mulheres negras aumentou

22% no mesmo período.

#### **Será então que na favela é diferente?**

A pesquisa “Cidades Saudáveis, Seguras e com Equidade de Gêneros: Perspectivas Transnacionais sobre Violência Urbana contra Mulheres”, realizada entre novembro de 2016 e dezembro de 2017, analisou as dinâmicas e percepções da violência contra a mulher nas comunidades do Complexo da Maré. Entrevistou, em suas casas, 801 moradoras, de quinze das dezesseis comunidades, e partiu da premissa: “generalização da violência machista e sexista contribui para que algumas mulheres culpem as vítimas, reproduzindo a violência que as oprime”. Além disso, que “as características da vida urbana no Brasil (violência dos grupos armados) contribuem para a perpetração de violência baseada no gênero.”

Ainda segundo a pesquisa, a “agressão física, associada à violência psicológica, foi a forma mais recorrente em 34% das respostas; 15% das mulheres indicaram a palavra agressão de modo não específico; 14% definiram violência como a composição de múltiplas formas de agressão, violação e maus-tratos; 10% não responderam. Essa incidência expressiva de não resposta chama a atenção, considerando que a violência é um evento com o qual, necessariamente, entramos em contato, seja como autor, vítima ou espectador.”

Em contraponto, inaugura-se, em novembro de 2016, a Casa das Mulheres da Maré, decorrente do projeto “Maré Sabores”, conduzido, há oito anos, pela Redes de Desenvolvimento e que oferece oficinas de qualificação profissional em Gastronomia para mulheres.

A Redes atendeu e identificou em seus anos de atuação no território números alarmantes de mulheres vítimas de diferentes tipos de violência e concluiu que umas das soluções era a geração de renda e aumento de escolaridade, assim como apoio jurídico e psicológico.

A Central de Atendimento à Mulher **[Disque 180]** atendeu a mais de 1 milhão de denúncias em 2016 e, assim, percebe-se que a criação de leis para a punição dos agressores foi importante, mas é preciso que sejam ampliadas as redes de apoio e atendimento às mulheres que denunciam. Também campanhas de educação altamente difundidas na TV e Internet, ações de prevenção que envolvam crianças e adolescentes, meninos e meninas, para que as próximas gerações não difundam os mesmos pensamentos e ações.

Se não for assim, continuaremos a ter dias como o 14 de janeiro de 2017, em que o corpo de Silmânia Maria de Lima, a Simone, cabeleireira na Nova Holanda, foi encontrado dentro de um valão e a família segue até hoje sem respostas.

**O NÚMERO DE VIOLÊNCIA  
SOFRIDA POR MULHERES NEGRAS  
AUMENTOU EM 22%**

# As dores e alegrias de ser mulher na Maré

**ANDREZA JORGE**

Mestranda em Relações Étnico-Raciais, Coordenadora Pedagógica do Projeto da Casa das Mulheres e Coordenadora do Projeto Mulheres ao Vento

No segundo semestre de 2017, foi realizada uma pesquisa sobre violência contra a mulher no Conjunto de Favelas da Maré. Formávamos um grupo de cinco entrevistadoras, com profundas e distintas relações com o território: duas moradoras, crias da Maré; uma moradora recém-chegada do Ceará e outras duas com anos de trabalho e trocas com o local.

O processo de entrevistar mulheres, a partir de uma amostragem específica para os parâmetros de coleta de dados, possibilitou a surpresa dos acasos. A cada rua, a cada endereço, novas possibilidades de encontros e histórias compartilhadas pela entrevistada, que nesse momento tornava-se nosso maior foco de atenção. O papel de entrevistadora, nesse instante, se fundia com o de ouvinte atenta e empática.

Bater em portas, convidar mulheres a responder um questionário que tinha como fim levantar/ouvir possíveis momentos de violência vividos foi, sem dúvida, uma tarefa muito difícil. E, ao passo que nos fortalecia

como ouvintes e admiradoras, nos atingia como golpes certos, que nos comoviam e lembravam como é ser mulher em uma sociedade estruturalmente machista, racista e desigual.

## Mulheres negras

Ao pensar nas favelas como espaço de ausências de direitos básicos, as demandas específicas referentes às mulheres tornam-se maiores, fazendo com que tenham seus direitos violados e quase nenhuma chance de recorrer.

Além das desigualdades de gênero, é importante pontuar a relação de vulnerabilidade das mulheres negras em contraponto às mulheres não negras, pois ao pensar nas relações sociais de poder estabelecidas, as mulheres negras acabam por ocupar um posto abaixo, devido à junção dos preconceitos racial e de gênero. Com isso, temos um campo de pesquisa totalmente atrelado a questões e relações subjetivas que, como pesquisadoras e mulheres, não podíamos imaginar a proporção dos atravessamentos provocados.



Tereza Onã, Alessandra Pinheiro e Juliana Alves participaram da pesquisa na Maré

## Em campo

Muitos foram os encontros e, como parte da metodologia da pesquisa, nos reuníamos semanalmente com a equipe de campo da pesquisa, para trocar ideias sobre a experiência, sobre o que tinha nos tocado mais e nos fortalecer para que o trabalho fosse realizado de uma forma positiva e os resultados, os dados obtidos, pudessem ter retornos práticos e concretos.

A partir da experiência, pudemos desfrutar de uma heterogeneidade que nos chamou a atenção durante toda a pesquisa. Os relatos de violências vividas nos aproximavam, tornavam visíveis nossas próprias experiências de violências sofridas e nos transformavam a todo instante em ouvinte, mais que isso, ouvintes confiantes, sendo, em muitas vezes, a primeira pessoa a quem aquela mulher relatou tais dores.

Muitas foram as vezes em que, ao finalizar uma entrevista-conversa, foi preciso parar um tempo antes de seguir para outra, seja para pensar em tudo que foi dito-ouvido, seja para sorrir e tomar para si aquele momento de inspiração, ou para sentar em uma calçada afastada e chorar um choro sentido e frustrado por não poder fa-

zer mais nada por aquela mulher.

Os sentimentos eram muitos e o desafio era equilibrar a função de entrevistadora com o desejo de poder acabar com a violência contra mulher do mundo inteiro, de peito aberto, doía, e doía tanto, que quase sempre, depois de um dia de entrevistas a gente precisava de colo, precisava pôr pra fora todo o sentimento que inflava nossa coragem e enchia nossos olhos. Tivemos a honra de conhecer mulheres que nos ensinaram a erguer a cabeça, a não desistir, a rir, a servir um café, uma água, um suco, uma refeição. Uma das pesquisadoras até se emocionou ao receber de sua conterrânea uma *quentinha* em um dia de trabalho. Conhecemos mulheres que dividiram conosco momentos felizes de suas famílias, compartilharam histórias engraçadas, felizes, e abriram a porta e o peito para nos acolher com nosso questionário na mão, com nossos dias difíceis e sentimentos confusos.

Foi, sem dúvida, uma experiência incrível, capaz de transformar e aprimorar olhares, inspirar e dar muita força e energia para seguir acreditando que nada deve parecer impossível de mudar...



Andreza Jorge e Kelly San ouviram histórias comoventes durante a pesquisa



# Dia de comemorar.. cuidando da saúde!

Os principais atendimentos que as mulheres precisam receber para prevenir doenças

**MARIA MORGANTI**

No “Dia Internacional da Mulher”, 8 de março, é mais comum vê-las, não importa a idade, ganhando chocolates, buquê de flores, perfumes. Mas por que não aproveitar a data para pensar na saúde e se cuidar? Para a médica ginecologista e obstetra do Hospital Federal de Bonsucesso, **Carolina Azevedo**, uma alimentação saudável, atividade física regular, o uso de preservativo no ato sexual e a realização do autoexame das mamas são o carro-chefe para melhorar a qualidade de vida em longo prazo e evitar doenças.

**Rosemary Felix**, 45 anos, moradora do Parque Rubens Vaz, diz que tenta fazer todos os anos exames de sangue, urina, fezes e até eletrocardiograma. Ela conta que, no ano passado,

só não conseguiu realizar a mamografia, mas segue na fila de espera do SIS-REG, Sistema que organiza as marcações de exames da Prefeitura do Rio, para ficar em dia com “uma vida saudável”.

De outra geração da Maré, com 26 anos, **Letícia Santos** começou a ter uma preocupação maior com a saúde por causa de um susto: “há um ano e meio, eu senti um carocinho no meu peito e fiz vários exames. Mas graças a Deus não deu nada”, diz, aliviada.

## A prevenção é o caminho

No entanto, como diz o ditado popular “há males que vêm para o bem”. Letícia acabou fazendo outros exames e, para a sua felicidade, tudo estava bem. “Do

mesmo jeito que não foi nada, poderia ter sido também. Então, temos de ficar atentas ao nosso corpo”, conta a jovem.

A médica Carolina alerta para o fato de que, além dos exames preventivos, existem outros procedimentos, como o ultrassom transvaginal ou pélvico, que “na verdade não são preventivos”, mas, segundo a médica, “procedimentos assim serão feitos se houver queixas como infertilidade, sangramento uterino anormal e dor pélvica. Ou se, no preventivo, tiver sido diagnosticada alguma alteração”.

A boa notícia é que a maioria dos exames ginecológicos estão disponíveis no Sistema Único de Saúde (SUS): preventivo, ultrassom transvaginal, ultrassom de mama e mamografia. Sobre

este último procedimento, entrou em vigor em 2015 a Lei nº 11.664, que determina a realização obrigatória, no sistema público de saúde, para todas as mulheres, a partir dos 40 anos.

No Complexo da Maré, existem sete espaços destinados à Saúde que realizam consultas e encaminhamentos para exames, como a Clínica da Família Diniz Batista de Souza, que fica na Avenida Brigadeiro Trompovski, s/nº, ao lado da Estação Maré do BRT Transcarioca, inaugurada no mês passado.

## Lugares de atendimento

**CMS João Cândido**  
Avenida Lobo Junior, 83,  
Marcílio Dias

**CMS Américo Veloso**  
Rua Gerson Ferreira, 100,  
Praia de Ramos

**Clínica da Família Diniz**  
Batista dos Santos  
Avenida Brigadeiro  
Trompowski, S/Nº

**CMS Samora Machel**  
Rua Principal, S/Nº, Baixa  
do Sapateiro

**CMS Nova Holanda**  
Rua Ivanildo Alves, S/Nº

**CMS Vila do João**  
Rua 17, S/Nº

**CF Augusto Boal**  
Avenida Guilherme Maxwel,  
107, Morro do Timbau

**CF Adib Jatene**  
Avenida Bento Ribeiro  
Dantas, S/Nº, Vila dos  
Pinheiros

## Exames obrigatórios que toda mulher deve fazer

### ♀ Papanicolau:

É um exame ginecológico e deve ser feito anualmente, assim que a mulher começa a ter relações sexuais.

### ♀ Mamografia:

A mamografia é um exame que serve para rastrear o câncer em mulheres a partir dos 40 anos de idade. Caso a mulher tenha caso de câncer em familiares (mãe, avó, tia), deve começar a fazer o exame aos 35 anos de idade. Deve ser feito anualmente.

### ♀ Colonoscopia:

A colonoscopia analisa o revestimento interno do intestino, principalmente cólon e reto, a procura de pólipos, úlceras, inflamações, tumores e outras alterações.

### ♀ Ultrassom pélvico e transvaginal:

Por meio destes exames o médico analisará o útero e os anexos: tuba uterina e ovários e se há algum mioma, pólipos, endometriose, cistos em geral e outros problemas. Deve ser feito anualmente.

### ♀ Autoexame da mama:

A mulher deve fazer o autoexame das mamas uma vez ao mês, antes da menstruação, não se esquecendo de apalpar também as axilas.

### ♀ Pressão arterial:

Verificar a pressão arterial periodicamente é muito importante, ainda mais se houver um histórico familiar de hipertensão. A hipertensão é uma doença silenciosa, pois muitas vezes não apresenta nenhum sintoma. O ideal é uma vez por mês.

**CONJUNTO ESPERANÇA****Bar do Grande****Sextas** - DJ -19h**Sábados** - Baile *Funk* -23h**Domingo** - Roda de Samba 19h**Localização** - Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322**MORRO DO TIMBAU****Dogueria Resenha**

Há menos de um ano aberto como um *Food Truck* carioca, especializado em *hot dog* artesanal, já aparece como um dos espaços mais "bombados" do momento, com pelo menos três eventos semanais.

**Quando** - sextas, sábados e domingos**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Avenida Guilherme Maxwel, 95**NOVA HOLANDA****Baile Funk da NH****Quando** - sábados**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Rua Teixeira Ribeiro - alguns eventos acontecem no Campo da Paty**Pagofunk da BT**

Abre a semana de eventos na Nova Holanda, e acontece na rua que dá nome à festa.

**Quando** - quintas**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Rua Bittencourt Sampaio**Nova hip hop**

Espaço para amantes do *hip hop* com DJ convidados e grafite e street dance

**Quando** - domingos**Horário** - das 16h à meia-noite**Localização** - Campo da Paty**Galpão Bela Maré**

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 169, NOVA HOLANDA, MARÉ  
TELEFONE: (21) 3105-1148

**facebook.com/galpaobelamare****03/02 (sábado)**

Processos artísticos na periferia - Prosa com artistas  
O encontro reunirá os 15 artistas

que participaram do edital Bela Verão para junto ao público refletir e tecer narrativas sobre a produção artística e seus desdobramentos.

**Horário** - 16h**CAM: Centro de Artes da Maré**

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ  
TELEFONE: (21) 3105-7265

**facebook.com/centrodeartesdaamare****05/03 (segunda-feira)**

Volta às aulas Escola de Dança

**Horário** - a partir das 9h**02 a 30/03 (sextas-feiras)**

Oficina de Percussão - Maré de Verão

**Horário** - 18h às 20h

Público adulto

**10/03 (sábado)**

Feira Digital da Diversidade + Karaoke das Bixas Pretas + DJ

**Horário** - 14h**TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA****NOVA MARÉ****Lona Cultural Municipal****Herbert Vianna**

RUA IVANILDO ALVES, S/N, NOVA MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-6815

**facebook.com/lonaculturaldamare****02 a 30/03 (sextas-feiras)**

Oficina Maré de Verão

Percussão

**Horário** - 15h30 às 17h30

Público infantil

**03 a 31/03 (sábados)**

Oficina de Stilleto (Maré Sobre Salto)

**Horário** - 11h às 13h

A partir de 14 anos

Projeto Nenhum a Menos:

**Segunda** - Complementação Pedagógica**Terça** - Iniciação Musical**Quarta** - Letramento**Quinta** - Iniciação Musical e Complementação Pedagógica**Sexta** - Robótica

Faixa etária 8 a 12 anos

Cine Clube Rabiola

**01/03** - Ela é o Cara (1h45m)**08/03** - Mulan (1h28m)**15/03** - Valente (1h34m)**22/03** - Coraline (1h40m)**29/03** - Alice no país das maravilhas (1h48m)**TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA****PARQUE MARÉ****Baile Charme da Teixeira****Quando** - domingos**Horário** - a partir das 20h**Localização** - Rua Teixeira Ribeiro 563 - na calçada da Loteria**PARQUE UNIÃO****Baile Funk do PU****Quando** - sextas**Horário** - a partir das 23h**Localização** - Rua Ari Leão**Roda Cultural do Parque União**

*Hip hop*, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.

**Quando** - sextas**Horário** - 18h**Localização** - Rampa de Skate, no final da Rua Ari Leão**Baile Retrô**Baile *funk* da antiga e charme.**Quando** - domingo**Horário** - a partir das 23h**Localização** - Rua Roberto da Silveira**Fim de Tarde do Fundamental**

Esse evento conta com o grupo de pagode "Fundamenta" composto por moradores da Maré fechando toda rua.

**Quando** - domingo**Horário** - a partir das 18h**Localização** - Rua Roberto Silveira (toda a rua)**Praça do Parque União**

O forró da Praça é um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.

**Quando** - domingos**Horário** - a partir das 22h**Localização** - após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha**BBBar**

Tradicional Pagofunk já famoso na Maré e fora dela.

**Quando** - sábados**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Rua Larga**PRAIA DE RAMOS****Pagode do Litrão**

Pagofunk sempre com uma atração do *funk* e do pagode.

**Quando** - sextas**Horário** - a partir das 23h**Localização** - Piscinão de Ramos - Passarela 13**SALSA E MERENGUE****Pagode da C11**

Um dos eventos mais tradicionais de *funk* e pagode da Maré.

**Quando** - sextas e domingos**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Via C11**VILA DO JOÃO****Baile da VJ****Quando** - sábados**Horário** - a partir das 23h**Localização** - Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João**Estrela da Vila**

Barzinho com boa música ao vivo

**Quando** - quinta a domingo**Horário** - 20h**Localização** - Rua Quatorze, 322**VILA DOS PINHEIROS****Tabacaria Dread Locks**

Shows de bandas do cenário alternativo do *rock*, *reggae*, *rap* e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa *playlist* colaborativa.

**Quando** - sextas e sábados**Horário** - a partir das 20h**Localização** - Via B9 - em frente ao bloco 1**Espaço Cultural Pontilhão 17/03 (sábado)**

Samba Pontilhão no Lance - DJ Macon nos intervalos

**Horário** - 17h



# Literatura feminina com as marcas da Maré

A história por trás de Andreza Jorge e Sara Alves, no “Seis temas à procura de um poema”, da FLUP

**MARIA MORGANTI**

A Maré literária e feminina marca presença nas páginas do livro “Seis temas à procura de um poema” com escritos de duas moradoras: Andreza Jorge e Sara Alves. A publicação foi o resultado do processo de formação da *FLUP Pensa 2017*, que realizou seminário sobre temas como machismo, privilégios e racismo. Este processo precede a *Feira Literária das Periferias*, que existe desde 2012. As poesias de Andreza e Sara foram selecionadas após um ciclo de formação e reuniões com uma banca. Dos 100 inscritos, além de Andreza e Sara, outros 48 escritores também tiveram suas obras publicadas. Jedai da Marcílio Dias e Matheus de Araújo, do Parque União, também estavam entre os selecionados.

“São duas poetas absolutamente diferentes. Sara tem um trabalho memorialístico, vive em uma Maré idílica, com vida comunitária. A poesia da Andreza tem sensualidade, feminilidade, fala de um corpo que é dela”, analisa **Julio Ludemir**, um dos fundadores da FLUP.

Em comum, as duas têm a paixão pela escrita, desde sempre; ler muito e serem crias da Maré. Tanto Andreza quanto Sara nasceram na Favela Nova Holanda e viveram ali grande parte da sua vida.

## O meu lugar

Com 50 anos, a autora Sara Alves, sem perder o ritmo, que talvez tenha herdado da mãe baiana, Marina Alves, enaltece a rotina dos traba-

lhadores, relembra o crescimento da Maré, as festas na favela e finaliza com aquilo que afirma com força e olhos arredondados e expressivos: “por que eu não posso gostar do lugar onde eu moro? Por que as pessoas que não conhecem onde eu moro falam do lugar se elas não sabem? Tem violência? Tem. Mas onde não tem? Você tem quase que brigar pra dizer que aqui tem artistas, professores, gente honesta”.

Sara conta que *É Vila de Gente* é o seu poema favorito, mesmo já tendo publicado, em 2013, *Movimentos*, pela Editora Multifoco, graças ao incentivo de uma amiga, Cláudia Santos. Sara conta que vive sendo abordada por gente que diz que já recebeu bilhetinhos dela, sempre escritos à mão: “Não gosto de escrever no computador. Mas também não posso ver uma folha em branco que eu adoro”.

## Uma estreia promissora

Na poesia de Andreza o mais marcante é o “lugar de fala da mulher” que, segundo ela, “também é territorial, mas ultrapassa”. Com 29 anos e mãe de uma menina de 3, a jovem é uma das recordistas em poesias no livro da FLUP, que foi sua primeira experiência com a publicação. “Sempre trabalhei com projeto social, escrevi um monte de coisas, mas nunca, nada dentro desse lugar mais artístico. Então foi muito lindo assim pra mim”.

Com o trabalho comparado à poesia da mineira Adélia



DOUGLAS LOPES

Em comum, as duas têm pela paixão a escrita, desde sempre: ler muito e serem crias da Maré

Prado, importante referência literária no Brasil, Andreza diz que sempre escreveu muito para falar sobre sentimentos que a atravessam, mas que de uns tempos pra cá a narrativa foi se politizando. “De maneira geral, minha escrita sempre foi sobre sentimentos, sensações, relações cotidianas. Mas de um tempo pra cá, fui crescendo, fui politizando de alguma forma essa minha escrita, então ela é muito feminista e tem um recorte racial bem específico”.

Sobre a vontade de publicar um livro só dela - já tem até um acervo - Andreza conta que não vai em frente por um sentimento que é mencionado várias vezes em uma das poesias do livro, *LAROIÊ*, o medo. “Eu fico trabalhando, fazendo outras coisas, sempre brinquei, dizendo que quando crescesse seria escritora, mas nunca ti-

nha levado a sério. Talvez por medo de dar errado, pode ser. Porque é uma coisa que eu gosto muito de fazer” - confessa

A boa notícia é que os leitores que quiserem ler a poesia de Andreza têm a chance de conseguir um exemplar autografado. A Redes de Desenvolvimento da Maré recebeu 150 exemplares, e realizará no próximo dia 22 de março, quinta-feira, a partir das 16h30, na Biblioteca Popular Lima Barreto, na Nova Holanda, um evento de lançamento com a presença das autoras. É só chegar!

## Lançamento na Maré

**Livro:** “Seis temas a procura de um poema” 2017, FLUP

**Local:** Biblioteca Popular Lima Barreto - Rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda.

**Horário:** 16h30

# Intervenção Federal na Segurança Pública do Rio

## Tudo o que você precisa saber sobre a chegada das Forças Armadas à cidade

JORGE MELO

As perspectivas não são nada boas para as populações das favelas e periferias para o ano de 2018. O Rio de Janeiro está sob Intervenção Federal. O Decreto presidencial, de 17 de fevereiro, foi aprovado pelo Congresso. O interventor, Walter Braga Netto é um general do Exército e já nomeou o novo secretário de Segurança Pública do Rio, Richard Fernandez Nunes. O Ministro da Justiça, Torquato Jardim, mostra o caminho que essa intervenção deve seguir. Dentro da lógica da *Guerra às Drogas*, ele afirma que “tem 1,1 milhão de cariocas morando em zonas de favelas, de perigo. Desse 1,1 milhão, como saber quem é do seu time e quem é contra? Não sabe. Você vê uma criança bonitinha, de 12 anos de idade, entrando em uma escola pública, não sabe o que ela vai fazer depois da escola”. Essa declaração é contrária à proteção da criança e do adolescente prevista em Lei pela Constituição Federal e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

### Mandados coletivos

O Ministro da Defesa, Raul Jungmann, fez uma proposta tão ou mais preocupante. Ele defendeu a utilização de *mandados de busca e apreensão coletivos*. Ao apresentar a proposta Jungmann foi claro: “em lugar de você dizer rua tal, número tal, você vai dizer, digamos, uma rua inteira, uma área ou um bairro. Naquele lugar inteiro é possível que tenha um mandado de busca e apreensão”. A proposta enfrentou uma ampla rejeição

da sociedade civil, juristas, Ordem dos Advogados do Brasil, e a pressão dos movimentos sociais, das ONGs e até de entidades internacionais.

A Maré já conhece o *mandado de busca e apreensão coletivo*. Em 2014, por iniciativa do então Governador Sérgio Cabral, a Justiça do Rio de Janeiro autorizou a Polícia Civil a fazer revista nas casas dos moradores das favelas Nova Holanda e Parque União. O Decreto de Garantia da Lei e da Ordem, GLO, foi solicitado pelo Governador à Presidenta Dilma Rousseff, que o concedeu. Pouco depois, as Forças Armadas ocuparam a Maré, lá permanecendo 14 meses. A ocupação custou aos cofres públicos mais de 520 milhões de reais e os fatos comprovam que o resultado foi nenhum.

O uso dos mandados coletivos não é inédito e já ocorreu em outras situações no Rio de Janeiro. Em agosto de 2017, a Justiça autorizou que a polícia entrasse em qualquer casa na comunidade do Jacarezinho e em quatro favelas vizinhas. A medida foi suspensa por um desembargador.

### O que diz a lei

A legislação brasileira não prevê a figura do mandado coletivo, mas de diferentes tipos de mandados. O Código de Processo Penal prevê, em seu Artigo 243, que o mandado deve “indicar, o mais precisamente possível, a casa em que será realizada a diligência e o nome do respectivo proprietário ou morador” e “mencionar o motivo e os fins da diligência”. Já a Consti-



Soldados do exército usando máscaras provocam ainda mais tensão nas comunidades

tução Federal, em seu Artigo 5º, afirma que a casa “é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro ou, durante o dia, por determinação judicial”. Outra questão preocupante: está em vigor a Lei 13.491/2017, aprovada pelo Congresso e sancionada pelo Presidente Michel Temer, que transfere à Justiça Militar o julgamento de crimes cometidos por militares das Forças Armadas em missões, como por exemplo, a ações ligadas à intervenção. Se um militar matar um civil durante uma operação será julgado pela Justiça Militar e, não, pela Justiça Comum, como era anteriormente. Quem já sofreu

uma ocupação militar como o Conjunto de Favelas da Maré tem razões de sobra para temer.

O interventor, general Walter Braga Netto, presta contas apenas ao Presidente da República. Ele é agora o responsável pelas polícias militar e civil, corpo de bombeiros e Secretaria de Administração Penitenciária. Essa medida extrema teve a concordância do Governador Luiz Fernando Pezão. E a primeira decisão tomada depois de decretada a intervenção foi o afastamento do Secretário de Segurança, Roberto Sá. **A Redes da Maré está vigilante e pronta para prestar atendimento aos cidadãos que tiverem seus direitos violados pelo WhatsApp (21) 99924-6462.**



# O resultado dos confrontos armados na Maré

## Saiu o Boletim de Segurança Pública na Maré de 2017

**DANIELE MOURA**

Desde 2016, a Redes da Maré monitora os dados referentes à Segurança Pública e seus desdobramentos, nas 16 favelas que fazem parte do território da Maré. Em 2017, esse monitoramento incluiu os confrontos entre grupos armados, além dos agentes de Segurança Pública. Foram coletados dados de todas as operações policiais (todas as polícias e Forças Armadas) e também dos grupos armados rivais, de janeiro a dezembro de 2017. Esses dados foram reunidos de várias formas: por uma equipe da Redes da Maré, constituída por moradores em sua maioria, que fica de plantão quando acontecem os confrontos armados; pelo relatos de moradores que procuram o serviço de orientação jurídica oferecido pela Organização para denunciar violações de direitos; por reportagens publicadas na Imprensa e pelas informações dadas pelas assessorias de comunicação das Polícias Militar e Civil e das Secretarias Municipais de Saúde e Educação da cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa registrou 41 episódios de operações policiais (8 a mais que 2016), 41 confrontos entre grupos armados e 26 eventos com disparos sem confronto, ou seja, promovidos por um único grupo.

### Os abusos

Os dados mostram que houve abusos cometidos pelos policiais. Um exemplo ocorreu em março de 2017, quando o roubo de um veículo de um policial civil na Ilha do Governador fez com que, no dia seguinte, sábado, 25 de março, dia da Campanha de Vacinação contra a Febre Amarela, alguns policiais se juntassem para ir à Maré tentar recuperar o ve-

ículo. A consequência foi um intenso confronto armado, que deixou três mortos e um ferido, além da interrupção das atividades de vacinação nas Unidades de Saúde. Não há informações oficiais sobre a ação nem sobre quem autorizou a intervenção policial. Consultadas, as Polícias Militar e Civil declararam desconhecer o planejamento de qualquer operação policial naquele dia. Esse é um fato gravíssimo, porque revela o descontrole do Estado e de suas forças policiais, que agem à revelia ou com a conivência de agentes públicos, realizando ações sem qualquer respaldo legal.

### As consequências

Os confrontos, tanto os provocados por intervenção policial quanto por grupos armados, resultaram em 42 mortos e 57 feridos. Foram 35 dias sem aulas e 45 dias sem funcionamento de Postos de Saúde. Profissionais de Educação e da Saúde já foram atingidos por disparos de arma de fogo enquanto trabalhavam. E o número de casos de violação de direitos quase dobrou em relação a 2016, passando de 28 para 52 pessoas. Na mesma proporção, o número de relatos de violência também cresceu, passando de 32, em 2016, para 67, em 2017. Esses dados foram coletados a partir do atendimento do Maré de Direitos. Imaginando que nem toda pessoa que sofre violência ou que tenha algum direito violado vai buscar atendimento, esse número, apesar de assustador, pode ser maior, pois tudo indica que há subnotificação.

A duração das operações também interfere no cotidiano das comunidades. Doze operações policiais, durante 2017,

ultrapassaram 8 horas de duração. As operações, além do desgaste da população, interferem na Economia local, pois, ao encerrar as atividades mais cedo ou com intervalos ao longo do dia, o comércio local é afetado pelos confrontos, sem contar o número menor de dias letivos e a interrupção dos serviços de assistência à saúde nos Postos da Prefeitura.

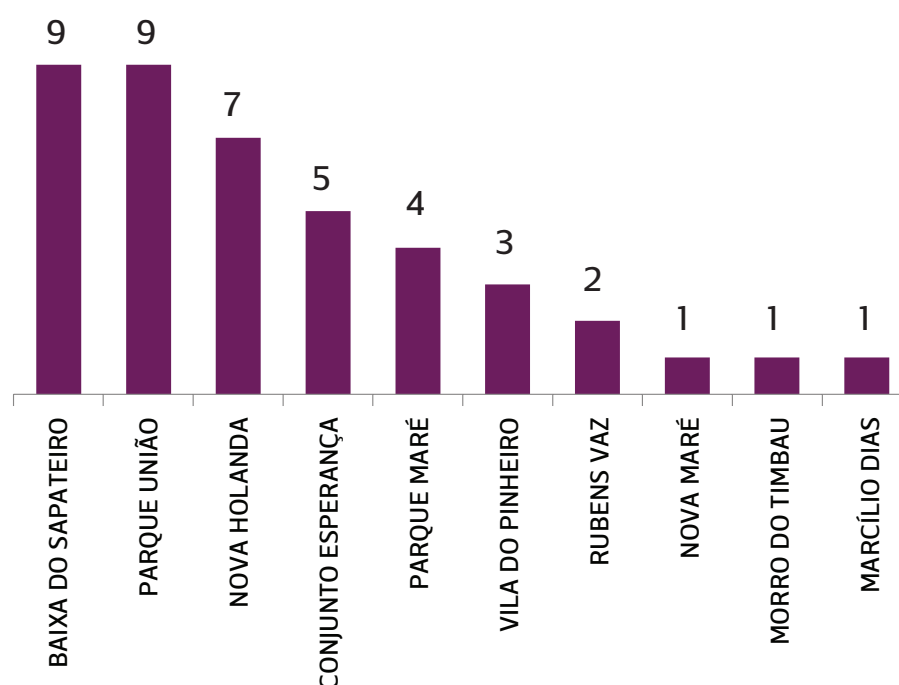
Os confrontos armados são

a maior causa de morte na Maré. E um dos objetivos desta pesquisa foi, justamente, chamar a atenção para a incapacidade de o Estado proteger a população. Esses dados confirmam que o Estado, com a complacência de parte da sociedade, considera que as favelas não têm garantidos direitos básicos, como os direitos à segurança e à vida.

### Dados gerais sobre o total de confrontos armados na Maré

2017	MORTOS	FERIDOS	DIAS SEM AULA	DIAS SEM POSTOS DE SAÚDE	OCORRÊNCIAS
OPERAÇÕES POLICIAIS	20	41	27	36	41
CONFRONTOS ENTRE GRUPOS ARMADOS	22	16	8	9	41
<b>TOTAL</b>	<b>42</b>	<b>57</b>	<b>35</b>	<b>45</b>	<b>82</b>

### Número de mortes por favela



## ACOMPANHE O TRABALHO DA SUA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

### MARCÍLIO DIAS

Telefone: 2584-2338  
Presidente: Jupira dos Santos

A Associação convoca todos os moradores para participar e se engajar de forma coletiva nas transformações da comunidade e está aberta para o diálogo com quem quiser contribuir. Horário de funcionamento: 9h às 17h.

### PARQUE UNIÃO

Telefone: 3882-5510  
Presidente: Deraldo (Edinaldo dos Santos)

**BOXE:** terças e quintas, das 20h às 22h.

**JIU JITSU:** adulto e infantil: segundas e sextas, das 18h às 20h; crianças das 20h às 22h.

**MUAI THAY:** segundas, quartas e sextas, das 19h30 às 21h30.

**CAPOEIRA:** terças e quintas, das 19h às 21h.

### CONJUNTO ESPERANÇA

Telefone: 2573-5958  
Presidente: Pedro dos Santos

Estão disponíveis sessões de MASSOTERAPIA às terças e sextas, das 13h às 17h. A partir do dia 27/02, a Associação vai oferecer Assistência Jurídica, com o Dr. Adriano, às terças, quartas e quintas, das 8h30 às 10h30.

### NOVA HOLANDA

Telefone: 3105-7148  
Presidente: Gilmar Gomes

Segundo a Associação, esse mês os moradores enfrentaram muitos problemas com a falta de energia elétrica. Durante os três dias do carnaval a comunidade ficou sem luz em diversas ruas. Os problemas foram resolvidos depois de pedidos feitos à Light.

### RUBENS VAZ

Telefone: 3105-7147  
Presidente: Magá (Vilmar Gomes)

Os atendimentos do Posto de Saúde Hélio Smidt foram transferidos para a nova Clínica, inaugurada na Av. Brigadeiro Trampowski. Parte dos Moradores das ruas João Araújo e Massaranduba será atendida agora na nova Clínica. Os moradores reclamam da distância e do acesso à nova Clínica.

### PRAIA DE RAMOS E ROQUETE PINTO

Telefone: 3105-9183  
Presidente: Cristiano Ancelmo

Segundo a Associação, a Comlurb passa todos os dias na comunidade, mas alguns moradores insistem em colocar o lixo em dois pontos que não são adequados: a lateral do Centro Municipal de Saúde Américo Veloso e em frente à Unidade Leão XIII.

### PARQUE ECOLÓGICO

Telefones: 3105-3104 e 3104-4380  
Presidente: Cláudia Santana

A Associação informa que as lixeiras foram retiradas para amenizar a situação do lixo. E que as associações se uniram para restabelecer a energia, na sexta-feira, após a tempestade.

### NOVA MARÉ

Telefone: 3105-4180  
Presidente: Alexandre Ribeiro

A Associação conseguiu uma doação de 30 cestas básicas, que foram repassadas a moradores. A Associação pede para não depositem lixo na Rua Evanildo Alves, em frente ao valão.

### CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS

Telefone: 2005-5890

A Associação convoca todos os moradores para participar e se engajar de forma coletiva nas transformações da comunidade e está aberta para o diálogo com quem quiser contribuir.

### VILA DO JOÃO

Telefone: 3104-9785  
Presidente: Índio (Valtemir Messias)

A Associação vai dar início a um choque de ordem e pede que os moradores colaborem, liberando as ruas; não deixando eletrodomésticos, caixas, carros e motos fechando as ruas. A Associação pede também que os motoristas não obstruam as garagens. E que os moradores da Avenida do Canal 1 e 2 no joguem lixo no valão.

### CONJUNTO PINHEIRO

Telefones: 3109-0426 e 3104-7502  
Presidente: Eunice Cunha

A Associação informa que as caçambas de entulho estão sendo retiradas e o lixo removido com o apoio da Comlurb.

### BAIXA DO SAPATEIRO

Telefone: 2229-1092  
Presidente: Charles Gonçalves

A Associação informa que, apesar do temporal e suas consequências, a energia elétrica foi restabelecida na comunidade num curto prazo de tempo. Informa também que houve poda de árvores e estão sendo desenvolvidas ações para prevenir acidentes.

### MORRO DO TIMBAU

Telefone: 3105-0570  
Presidente: Caco (Glaucos dos Santos)

A Associação informa que ainda não foi possível marcar uma reunião com a Riolut. E que a comunidade vem enfrentando sérios problemas com a falta constante de água.

### PARQUE MARÉ

Telefone: 3105-6930  
Presidente: Vavá

Segundo informações da Associação, este mês de fevereiro houve troca de redes. E a Comlurb conseguiu dar conta do lixo acumulado na comunidade. A Associação informa também que, a partir o mês de abril, haverá um médico na sede.

### VILA DO PINHEIRO / SALSA E MERENGUE

Telefone: 3109-2576  
Presidente: Janaína

O Conselho de Moradores da Vila do Pinheiro (COMOVIPI) fica na VIA AI em frente ao CIEP Gustavo Capanema. Estamos abertos das 9 às 17h, de segunda a sexta-feira.